

**LIXÃO: DE CATADOR A MORADOR**

Veralúcia Guimarães de Souza  
PPGL – UnB/ IFMT Cuiabá Bela Vista  
guimaraessouza@hotmail.com

**RESUMO**

Este trabalho busca discutir as condições de trabalho e de moradia de catadores de materiais recicláveis de um município do Estado de Mato Grosso. Os catadores de materiais recicláveis da maioria das cidades brasileiras, por falta de coleta seletiva de resíduos sólidos, fazem dos lixões seu local de trabalho e/ou de moradia. Dessa forma, as condições físicas a que essas pessoas estão expostas são de precariedade extrema. Apesar da importância desses profissionais para a preservação e conservação do meio ambiente, os prefeitos pouco têm ajudado os catadores. Assim, o estudo está pautado em uma análise linguístico-discursiva de duas entrevistas ancoradas na Análise de Discurso Crítica – significados representacionais (Fairclough, 2003) - e na Gramática Sistêmico-Funcional – Metafunção Ideacional (Halliday e Matthiessen, 2004) - para revelar, sob a ótica do discurso, como essa representação social é construída.

**PALAVRAS-CHAVE:** catadores de materiais recicláveis; análise de discurso crítica; gramática sistêmico-funcional; representação discursiva.

**ABSTRACT**

This paper aims to discuss the working and living conditions of waste pickers from a city in the state of Mato Grosso. The waste pickers of most Brazilian cities, due to lack of selective collection of solid waste, live and/or work in the city dump. Thus, these people are exposed to extreme precarious physical conditions. Despite the importance of these professionals for the preservation and conservation of the environment, some mayors have not helped them. Thus, the study carries out a linguistic and discursive analysis of two interviews anchored in Critical Discourse Analysis - representational meanings (Fairclough, 2003) - and Systemic Functional Grammar – Ideational metafunction (Halliday & Matthiessen, 2004) – to argue, from a discursive perspective, how this social representation is built.

**KEYWORDS:** waste pickers, critical discourse analysis, Systemic Functional Grammar, discursive representation

## INTRODUÇÃO

### OS CATADORES NO BRASIL

“Catador de materiais recicláveis’ não é uma profissão nova no Brasil, apesar de a legislação para seu reconhecimento ter sido promulgada em 2002. Trata-se de uma classe de trabalhadores que vem lutando através da organização de movimentos sociais (Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis – MNCR) para fomentar o desenvolvimento de suas cooperativas ou associações, as bases do movimento e, ao mesmo tempo, se tornar visível socialmente.

Em 2002, o catador conseguiu o registro da profissão na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Segundo a qual, os catadores de lixo são registrados pelo número 5192-05 e sua ocupação é descrita como “catador de material reciclável”. Segundo a descrição sumária de suas atividades na CBO, esses trabalhadores “catam, selecionam e vendem materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais re-aproveitáveis” ([www.ministeriodotrabalho.gov.br](http://www.ministeriodotrabalho.gov.br)). Mesmo com esse registro, o catador continua sendo explorado por todos que participam do trabalho de reciclagem no Brasil. Ele é o sujeito mais importante no ciclo da cadeia produtiva de reciclagem, que está na ponta do processo produtivo, fazendo cerca de 89% de todo o trabalho. Contudo, mesmo sendo responsável pela coleta/separação de cerca de 60% de todos os resíduos que são reciclados hoje no Brasil, esse profissional ganha muito pouco, vivendo, às vezes, na miséria, nas ruas e nos lixões por todo o Brasil.

De acordo com o *site* do MNCR, um catador coleta em média 600 quilos de materiais recicláveis por dia. A coleta seletiva, que destina corretamente esses resíduos, gera uma renda mensal de cerca de R\$ 140,00 em média. As empreiteiras pagas pelos municípios Brasil afora recebem milhões por ano para fazer a coleta comum: passar nas ruas recolhendo os resíduos urbanos secos e úmidos, jogar dentro de um caminhão, triturar tudo, e depois lançar nos depósitos de lixo a céu aberto ou superlotar os aterros sanitários poluindo o meio ambiente. Não há preocupação com o processo de reciclagem e com o meio ambiente. Geralmente, elas são contratadas pelas prefeituras depois de passar por um processo de licitação e sua obrigação é retirar os resíduos da cidade.

Segundo a cartilha de formação do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis do Brasil, há mais de 50 anos de história da catação no Brasil. Quem trabalha nessa área é marcado pelo sofrimento, pelas injustiças e por muito trabalho duro realizado nas ruas e nos lixões do Brasil para a preservação do meio ambiente. Com a vida, pernas, braços e mãos, retiram milhares de toneladas de matérias-primas e as destinam para a reciclagem, preservando milhares de metros cúbicos de natureza limpa.

A profissão catadores de materiais recicláveis se faz presente em todo território nacional, seja em forma de cooperativa, associação ou trabalhadores autônomos. Geralmente, são pessoas que foram excluídas do mundo do trabalho por falta de qualificação, nível de escolaridade, idade, sexo, etc. O que se pode observar é que a profissão hoje está marcada por pessoas acima dos trinta anos, sem ensino fundamental completo, excluídas do trabalho do campo devido ao desenvolvimento tecnológico. Na cidade essas pessoas também sofrem as consequências desse desenvolvimento, uma vez que não possuem qualificação suficiente para operar as novas máquinas cada vez mais presentes em todos os setores. Além disso, uma máquina faz o trabalho de mais de 50 homens por dia, reduzindo assim a mão-de-obra necessária na área.

## **A POBREZA NO BRASIL**

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2010, o Brasil tem 16.267.197 pessoas em situação de extrema pobreza, o que representa 8,5% da população, taxa que atinge quase um brasileiro a cada dez. A identificação dessas pessoas foi feita a pedido do governo federal para orientar o programa “Brasil sem Miséria”, cujo objetivo é a erradicação da pobreza no país e garantir transferência de renda, acesso a serviços públicos e inclusão produtiva para resgatar brasileiros da miséria.

De acordo com o IBGE, Censo Demográfico de 2010, do contingente de brasileiros que vivem em condições de extrema pobreza, 4,8 milhões têm renda nominal mensal domiciliar igual a zero, e 11,43 milhões possuem renda de R\$ 1 a R\$ 70 e são pardas ou negras.

Segundo Borges (2011, p.2), para delimitar os brasileiros que vivem em condição de extrema pobreza, o governo utilizou dados preliminares do Censo Demográfico de 2010 e estabeleceu o teto de rendimento nominal mensal domiciliar de R\$ 70 per capita.

Desse modo, qualquer pessoa residente em domicílio com rendimento menor ou igual a esse valor é considerada extremamente pobre. Há famílias que, apesar de terem integrantes sem qualquer rendimento, não se encaixam na linha de extrema pobreza, pois o IBGE realizou um recorte que considerou os seguintes critérios: residência sem banheiro ou com uso exclusivo; sem ligação de rede geral de esgoto ou pluvial e sem fossa séptica; em área urbana sem ligação à rede geral de distribuição de água; em área rural sem ligação à rede geral de distribuição de água e sem poço ou nascente na propriedade; sem energia elétrica; com pelo menos um morador de 15 anos ou mais de idade analfabeto; com pelo menos três moradores de até 14 anos de idade; com pelo menos um morador de 65 anos ou mais de idade.

Como se pode observar, esse critério acaba excluindo muitas pessoas que estão em condição de pobreza extrema, por não ter idoso em casa, por ter acesso à rede de esgoto e energia, maquiando a realidade brasileira. Um estudo apresentado por Pardo Abril (2008, p.39) aponta que a definição de pobreza em relação à renda também envolve o reconhecimento das limitações para a satisfação das necessidades básicas. Nesse sentido, o estabelecimento de limites de renda, que determinam a capacidade ou incapacidade de compra de bens e serviços essenciais para o próprio sustento, é o parâmetro básico da linha da pobreza.

Passarinho (2011, p. 2) descreve que, no Brasil, as regiões com os maiores índices da população em situação de miséria são Nordeste (com 18,1%) e Norte (com 16,8%). Nessas regiões, 75% dos brasileiros vivem em pobreza extrema. De acordo com os dados, 46,7% dos extremamente pobres moram na zona rural. Dos brasileiros residentes no campo, um em cada quatro se encontra em extrema pobreza. Ainda segundo o IBGE, Censo Demográfico de 2010, dos brasileiros com 15 anos ou mais que ganham até R\$ 70 por mês e que vivem na zona rural, 30,3% são analfabetos. Na área urbana, este índice é de 22%.

Entre os extremamente pobres, 50,5% são mulheres, das quais 70,8% se declararam pretas ou pardas. Entre as populações indígenas, 39,9% estão em situação de miséria. Muito pouco se faz pelo desenvolvimento sustentável da população indígena em todo território nacional e pelos brasileiros que se enquadram em situação de extrema pobreza.

Dentro desse quadro nacional, muitos brasileiros em situação de extrema pobreza no Brasil são catadores de materiais recicláveis que buscam no lixo a sua sobrevivência, mas o censo os deixa de fora por não se encaixarem nos critérios utilizados para serem considerados extremamente pobres.

A necessidade de apresentar uma discussão acerca do trabalho realizado por catadores de materiais recicláveis dentro do contexto brasileiro e associar esta profissão com a de pessoas em situação de extrema pobreza no Brasil motivou a elaboração deste artigo.

Assim, este trabalho investiga as representações discursivas de duas catadoras de materiais recicláveis acerca de seu contexto de trabalho e/ou moradia desveladas durante entrevistas gravadas em áudio. Enquanto a representação está balizada pelos significados que emergem dentro de um contexto de situação, as práticas são maneiras de agir dentro desse mesmo contexto. Desse modo, o discurso constitui um dos elementos da prática social que pode naturalizar e legitimar as relações de poder presentes em contextos de trabalho de catadores de materiais recicláveis.

O objetivo desse trabalho é apresentar uma discussão acerca das condições de trabalho e de moradia de catadores de materiais recicláveis de um município do Estado de Mato Grosso que não conta com o serviço de coleta seletiva de resíduos sólidos. Esses trabalhadores fazem dos lixões seu local de trabalho e/ou de moradia, sendo expostas as condições físicas de precariedade extrema.

## **OS TRAÇOS METODOLÓGICOS**

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Para elaboração do artigo, foram selecionadas amostras de duas entrevistas realizadas com duas catadoras de materiais recicláveis que fazem parte do *corpus* maior da tese, as quais evidenciam a construção das representações discursivas frente ao seu trabalho, ao depósito de lixo urbano, ora local de trabalho, ora local de moradia.

Além das entrevistas, são apresentados alguns dados de pesquisa bibliográfica para uma melhor compreensão do contexto de trabalho de catadores de materiais recicláveis, bem como o que o governo brasileiro chama de pessoas em situação de extrema pobreza.

O estudo está pautado em uma análise linguístico-discursiva ancorada na Análise de Discurso Crítica – significados representacionais (Fairclough, 2003) - e na Gramática Sistêmico-Funcional – Metafunção Ideacional (Halliday e Matthiessen, 2004) - para revelar, sob a ótica do discurso, como a representação da pobreza extrema é socialmente construída.

## ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA E GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Fairclough (2003, p.3) define linguagem como “uma parte irreduzível da vida social dialeticamente interconectada a outros elementos de vida social”<sup>1</sup> e apresenta-nos a importância da língua para retratar o social ao mesmo tempo que nos mostra como o social constitui a língua, sendo a linguagem, portanto, um dos pontos de partida para se fazer pesquisa social

Para Fairclough, não é possível compreender os efeitos sociais de discurso sem olhar bem de perto o que acontece quando as pessoas falam ou escrevem. Dessa forma, todo falante usa textos orais, escritos, visuais e/ou multimodais para agir e interagir no curso de eventos sociais. Fairclough (2003, p. 5) articula as macrofunções de Halliday (ideacional, representacional, textual) aos conceitos de gênero, discurso e estilo, atrelados a três principais tipos de significado: acional, representacional e identificacional.

Ao utilizar o arcabouço teórico de Halliday (2004), Fairclough prefere incorporar a função textual ao significado acional, ao contrário de Halliday, que coloca a função textual separada da ideacional e da interpessoal. Para Fairclough, é através das escolhas linguísticas que o falante age no mundo, portanto ele acredita que o texto é mais ação.

A operacionalização desses três significados, acional, representacional e identificacional, atua simultaneamente em todo enunciado e alimenta a noção de multifuncionalidade presente na Linguística Sistêmico-Funcional.

Uma das concepções de discurso defendidas por Fairclough (2003) é o discurso como uma forma particular de representar aspectos do mundo material (seus processos, seus objetos, suas relações, seus parâmetros de espaço e tempo), do mundo mental (pensamentos, sentimentos, crenças) e do mundo social. As representações dos eventos sociais podem ser materializadas de modo mais generalizado e abstrato no que se refere às estruturas, relações e tendências, possibilitando, inclusive, representações distintas de aspectos particulares do mundo.

Para o autor, só é possível identificar diferentes discursos em um texto se pensarmos no discurso como representação de mundo que se encontra nesse texto. Além disso, textos também promovem relações dialógicas ou polêmicas entre seus “próprios” discursos e os discursos de outros. Essa relação dialógica/polêmica é um modo em que os textos misturam

---

1 “[...] language is an irreducible part of social life, dialectally interconnected with other elements of social life” [...] (2003).

diferentes discursos, mas seus “próprios” discursos são também frequentemente mistos ou híbridos (Fairclough, 2003, p.128). Os discursos são caracterizados e diferenciados não apenas por traços de vocabulário, relações semânticas e suposições, mas também por traços gramaticais. Eles se diferem em como os elementos de eventos sociais (processos, pessoas, objetos, meios, ocorrências, lugares) são representados, sendo essas diferenças podem ser tanto gramaticais (processos, participantes e circunstâncias) como lexicais (vocabulário) (Fairclough, 2003, p.133).

A partir dos estudos de Halliday (1994) e Van Leeuwen (1995), Fairclough (2003, p.141) discute a representação dos processos, participantes e circunstâncias, que constituem os componentes da metafunção ideacional.

Os processos são os núcleos das orações da metafunção ideacional, expressos ou realizados por um grupo verbal. Em alguns casos, os participantes não são explícitos, mas são compreendidos, por exemplo, o pronome “você” é compreendido como o ator participante de orações imperativas. É o tipo de processo que determina como os participantes são rotulados.

Dessa forma, o sistema de transitividade, representado na metafunção ideacional, possibilita a identificação de ações e eventos que são expressos em discursos, os quais mostram determinada realidade social. Essa identificação é possível devido aos processos, os participantes e as circunstâncias. Os processos são representados pelos grupos verbais; os participantes, pelos grupos nominais - às vezes, um participante pode não ser explicitamente mencionado, mas é compreendido porque a desinência verbal número-pessoa, em português, marca sua presença; as circunstâncias são representadas pelos grupos adverbiais e sintagmas preposicionais.

Processos materiais são os processos do “fazer” (transitivos) e do “acontecer” (intransitivos), os quais envolvem as ações físicas que retratam o mundo externo do falante. A significação fundamental é que alguém ou algo faz alguma coisa. De acordo com Halliday (2004, p.183), os processos materiais podem ter como participantes: ator, meta, escopo, beneficiário (recebedor ou cliente) e atributo. O executor desse tipo de processo é chamado de ator, um participante inerente a ambos os tipos de orações materiais, transitivas ou intransitivas. O escopo funciona como uma extensão do processo (um verbo lexicalmente vazio), completando seu significado e podendo realizar duas funções: (a) construir o domínio sobre o qual o processo ocorre, ou (b) construir o próprio processo. O escopo ocorre

tipicamente com verbos intransitivos, não podendo ser um pronome nem ser modificado por um possessivo.

Os processos materiais podem ser divididos em processos que representam uma ação envolvendo somente um ator e aqueles que afetam ou estão sendo feitos por outro participante, sendo este outro participante a meta para quem a ação é direcionada. Um ator pode ser uma entidade inanimada ou abstrata e a meta pode ser uma entidade humana. Halliday & Matthiessen (2004, p. 187) classificam em dois tipos os processos materiais: processo material criativo, aquele que traz a meta (com verbos transitivos) ou o ator (com verbos intransitivos) à existência; e processo material transformativo, no qual o ator (com verbos intransitivos) ou a meta (com verbos transitivos) já existe e ocorre uma mudança de estado, por isso, geralmente, há um elemento representando o resultado. Os processos materiais transformativos podem apontar como resultado uma elaboração, uma extensão ou um reforço do ator ou da meta. Quando há somente um ator, o processo material criativo relata a participação do ator na ação e o processo material transformativo relata a mudança de estado feita pelo ator. Na voz passiva, o ator pode não estar explícito.

O receptor e o cliente representam um participante que está se beneficiando da realização do processo, sendo que o receptor é alguém para quem algum bem é dado e o cliente alguém para quem algum serviço é feito. Para Halliday (1994, p. 09) bens e serviços são os diferentes tipos de trocas entre os falantes. Halliday & Mathiessen (2004, p. 192) usam a marca gramatical da preposição *to* para identificar receptor e, *for*, para cliente, o que não é possível ser aplicado à língua portuguesa, uma vez que seus falantes usam a preposição “para” em ambos os casos. O receptor ocorre mais em orações com processos materiais transformativos transitivos de extensão, geralmente denotando a transferência de posse de bens, neste caso representado pelos bens transferidos. Com o cliente, o serviço pode ser construído como a meta do processo material criativo transitivo, algo ou alguém é trazido à existência pelo processo.

Halliday & Mathiessen (2004, p. 196) argumentam que os processos materiais não representam somente eventos concretos e físicos, mas ações e acontecimentos abstratos, tratados na língua como tipos de ações. Quanto mais abstrato for o processo, mais difícil se torna estabelecer a distinção entre ator e meta.

Os processos mentais referem-se às ações do mundo interior de nossa consciência, representando os processos do pensar, do gostar, do querer e do ver, dentre outros. O processo

mental tem como executor um experienciador, sempre um humano, objeto ou animal personificado, dotado com consciência, que sente, pensa, deseja ou percebe. O outro participante do processo mental é o fenômeno, aquilo que é sentido, pensado, desejado ou percebido.

Os processos mentais se dividem em quatro subcategorias: emoção ou reação (processos de sentimento que constroem emoção); cognição (processos de decidir, conhecer, entender, que geralmente podem projetar outro conteúdo experiencial); percepção (processos que constroem as percepções dos fenômenos do mundo, tais como ver, ouvir, etc.) e desejo (processos que exprimem desejo, interesse, vontade, e que também podem projetar outra oração).

Os processos relacionais sinalizam a existência do relacionamento entre os participantes e são usados para caracterizar ou identificar as entidades. Há dois tipos de processos relacionais: atributivo e identificativo.

O processo relacional atributivo classifica as entidades a partir de outras (A é membro da classe X). Esse tipo de processo apresenta sempre dois participantes, o portador (a entidade que carrega uma qualidade) e o atributo (a entidade que caracteriza o portador). Divide-se em três grupos: processo relacional atributivo intensivo, no qual uma entidade tem algumas qualidades atribuídas a ela (A é um atributo de X); processo relacional atributivo circunstancial, no qual o elemento circunstancial é um atributo que está sendo atribuído a uma entidade (X está em A) - neste caso, a circunstância pode ser expressa na forma de atributo ou na forma de processo; e processo relacional atributivo possessivo, no qual a relação de posse é codificada como atributo ou como processo. Se a relação de posse é codificada como atributo, ela toma a forma de grupo nominal possessivo; se a relação de posse é codificada como processo, o possuidor é o portador e o possuído é o atributo ou o possuído é o portador e o possuidor é o atributo (X tem A).

O processo relacional identificativo tem a função de identificar uma entidade a partir de outras. Ele exige duas entidades: valor / característica e identificado / identificador. O valor revela que valores o escritor (ou a cultura a que ele pertence) usa para categorizar a característica com a qual ele lida. Ele é subdividido em três outros processos: relacional identificativo intensivo; relacional identificativo circunstancial; e relacional identificativo possessivo. O processo relacional identificativo intensivo é aquele no qual X é identificado por A ou A serve para definir a identidade de X. O elemento X é identificado e o elemento A,

que serve como identidade (sempre marcado), é o identificador. Identificado é um participante que já foi mencionado ou cuja existência é assumida. Identificador é a informação nova e carrega sempre a proeminência tônica. O processo relacional identificativo circunstancial é aquele no qual uma entidade está sendo relacionada a outra por uma característica de tempo, modo, lugar. O processo relacional identificativo possessivo é aquele no qual a posse toma a forma de uma relação entre duas entidades, podendo ser codificada como processo, realizado pelo verbo possuir, ou como participante, que incorpora a noção de posse, um significando propriedade do possuidor, o outro significando a coisa possuída.

Além dos participantes já citados, Halliday e Matthiessen (2004, p. 237) acrescentam um terceiro participante. Para as orações elaboradas com processo relacional atributivo intensivo, atribuidor (*Attributor*), e para as identificativas, designador (*Assigner*) que, respectivamente, são os participantes identificados no texto como os responsáveis pela atribuição e identificação.

Os processos comportamentais estão na fronteira entre os processos materiais e os mentais, por isso representam manifestações do comportamento físico e psicológico realizadas por humanos ou seres personificados. Segundo Halliday e Matthiessen (2004, p. 248), os processos comportamentais não possuem características claramente definidas. Os autores sugerem que há processos comportamentais como olhar, assistir, encarar, preocupar-se, dentre outros, que estão mais próximos de ações mentais, e outros que estão mais próximos de ações materiais, como dançar, respirar, deitar.

Nesses processos, o comportante é o participante (tipicamente humano ou personificado) que sente e externaliza um processo, sendo, pois, sua presença obrigatória na oração. Embora o padrão seja de orações com apenas um participante, em algumas situações pode haver outra entidade representada, o comportamento, definida como aquilo que é expresso pelo processo. Halliday e Matthiessen (2004, p. 251) ressaltam ainda que o comportamento pode realizar função semelhante à do escopo nos processos materiais. Nesse caso, não se tem um participante real, mas sim uma especificação do processo comportamental, como se fosse uma extensão.

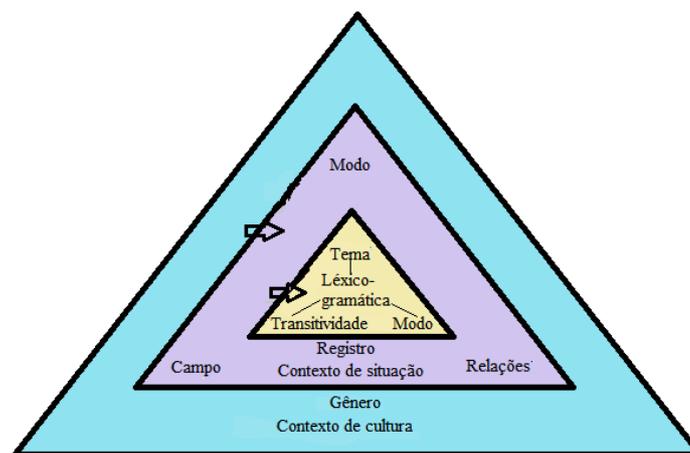
Os processos verbais são os verbos do dizer, os quais estão na fronteira entre os processos mentais e materiais, uma vez que “dizer” envolve uma ação física que reflete uma operação mental (Thompson, 2004, p. 100). Quatro são os participantes: o dizente, que realiza a ação; o receptor, para quem a mensagem é direcionada; o alvo, a entidade que é atingida

pelo processo; e a verbiagem, a mensagem propriamente dita, que pode ser o conteúdo do que é dito, muitas vezes representada por uma oração projetada que completa o sentido do processo verbal (Eggins, 1994, p. 236).

Os processos existenciais representam que algo existe ou acontece encontram-se na fronteira entre os processos relacionais e os materiais e, geralmente, são realizados pelos processos haver, existir e ter em língua portuguesa. Há somente um participante, o Existente. O que ocorre com o processo existencial é que o falante está renunciando à oportunidade para representar o participante (Existente) como envolvido no evento. A função do processo existencial é simplesmente anunciar a existência de uma situação, como primeiro passo, falar sobre ela.

Para discutir texto e contexto, Halliday e Hasan (1989, p. 8) recorrem aos estudos de Malinowski (1935) sobre o contexto de situação, compreendido como o ambiente da enunciação que leva em consideração a descrição tanto linguística quanto cultural, já que muitos aspectos linguísticos tornam-se incompreensíveis se estiverem desvinculados da descrição cultural, como representado na Figura 1.

Figura 1 – Relação Texto e Contexto



Adaptado de Eggins (2004, p. 111)

Os autores argumentam que o contexto de situação possibilita aos falantes, quando as trocas estão sendo estabelecidas, expectativas e previsões das próximas falas, pois a situação linguística em que a interação ocorre dá aos participantes muitas informações sobre os sentidos que estão sendo trocados e os que provavelmente serão trocados.

Conforme Halliday e Hasan (1989, p. 7), todo contexto de situação – o ambiente em que os sentidos estão sendo trocados – apresenta o campo, as relações e o modo. O campo do discurso refere-se à natureza da ação social que está ocorrendo; as relações referem-se à natureza dos participantes, seus *status* e papéis; o modo refere-se à organização simbólica do texto, seu *status* e suas funções no contexto. Assim, eles afirmam que o campo do discurso representa a natureza da ação social através dos significados experienciais presentes no texto, a transitividade – a função ideacional; as relações do discurso representam a natureza dos participantes, seus papéis estão relacionados aos significados interpessoais – modo, modalidade, pessoa – a função interpessoal; e o modo do discurso representa a organização simbólica do texto, os significados textuais – tema, informação, relações coesivas – a função textual.

Conforme Silva (2009, p. 66), reforçar o diálogo entre a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e Análise de Discurso Crítica (ADC) é fundamental para a compreensão das relações de poder, pois o texto, além de envolver simultaneamente as funções ideacional, interpessoal e textual, deve ser visto como ação (gênero), representação (discurso) e identificação (estilo), os três elementos de ordem do discurso. Nesse sentido, é importante para os analistas críticos combinar a LSF e a ADC para estudos de texto, pois enquanto a LSF se preocupa com o estudo das escolhas linguísticas (registro) feitas pelos falantes para agir e interagir em um contexto de cultura (gênero), a ADC se preocupa com as ordens do discurso, as relações de poder que forçam essas escolhas linguísticas.

## **ALGUMAS FALAS**

As catadoras de materiais recicláveis do contexto de coleta de dados desta pesquisa são Ana e Helen (nomes fictícios). Ana tem 57 anos, estudou até a quarta série do ensino fundamental, é casada com um catador, tem quatro filhos, trabalhava em fazenda. Helen tem 58 anos, estudou até quinta série do ensino fundamental, é casada com catador, tem três filhas, morou em vários lugares, inclusive em assentamento dos Sem-Terra. Ambas possuem uma renda mensal acima do determinado pelo governo brasileiro (até 70 reais por mês) para serem consideradas extremamente pobres, mas levam uma vida muito difícil.

A fala de uma das cooperadas confirma o que já escrito neste trabalho acerca do motivo que leva as pessoas à profissão de catadores de materiais recicláveis no Brasil. Como

se percebe, não é uma escolha livre, por opção e por gostar do trabalho, mas uma imposição de um mundo que exclui os pobres e para a sobrevivência, sustenta-se daquilo que é descartado pela sociedade, o lixo.

Quando as pessoas vêm para a cooperativa é porque não tem trabalho, não encontram serviço, porque eu também na época, não tinha serviço, [...] tem muito material, mas tem poucas pessoas para fazer a coleta. Ana

Nessa fala a catadora usa o processo relacional atributivo possessivo na polaridade negativa ‘não tem trabalho e não tinha serviço’ para expressar o motivo que a levou para a catação de material reciclável. Ela usa o vocábulo ‘trabalho’ e depois o substitui por ‘serviço’. Trabalho, segundo Houais (2007), significa “conjunto de atividades, produtivas ou criativas, que o homem exerce para atingir determinado fim, atividade profissional regular, remunerada ou assalariada, exercício efetivo dessa atividade” e ‘serviço’, segundo o mesmo dicionário, significa “ação ou efeito de servir, de dar de si algo em forma de trabalho, exercício e desempenho de qualquer atividade”. Assim, mesmo que inconscientemente, a catadora seleciona o vocábulo seguindo uma hierarquia de poder, do trabalho para o serviço.

Ela usa o processo existencial ‘tem’ e existente ‘material e poucas pessoas’ para mostrar que o trabalho de catação no Brasil ainda é promissor, com muito material, mas as pessoas não aderem com facilidade a esta profissão.

Na amostra a seguir, ao ser questionada se já fazia o trabalho de coleta de material reciclável no assentamento do Movimento dos Sem Terra em que ela morava, ela se mostra um tanto inconformada, o movimento com as mãos aumenta e o tom de voz se altera, pois essa pergunta remete-a a uma experiência pessoal muito triste. Segundo ela, depois de morar vários meses nesse assentamento do Movimento dos Sem Terra, na esperança de conseguir um pedaço de terra, ela e alguns colegas foram expulsos com a justificativa de que eles ficavam entre a cidade, onde seus filhos estudavam, e o assentamento, caracterizando, assim, uma não residência fixa. Depois, ela e sua família foram para outro assentamento, mas o sonho também não foi realizado, e ela não teve alternativa a não ser dividir uma casa com outra família na cidade e começar o trabalho de coleta de material reciclável.

E aí no acampamento logo em seguida a senhora já fazia coleta de material ou não?

Não, não. Aí::: quando a gente foi **despejado**, que viemo pra BR 070, aí nós lá... pra nós foi o fim da picada né, pra muita gente foi o fim da picada. Nós resolvemos sair,

aí fomos pra um outro acampamento... assim, pessoal que era da coordenação resolveu sair, aí nessa saída nossa nós viemo pra uma outra terra ali no Capim Branco. Aí a prefeitura, uma outra gestão que conseguiu uma::: um comodato lá pra nós ficar, aí nós ficou é::: dois anos ali ainda. Só que aí eu comecei a trabalhar com isso né. Nós alugou uma casa aqui na cidade, nós viemo em duas família junta e alugou uma casa e dividiu o aluguel ali no Jupiara. Aí as criança ficava pra estudar e trabalhar, os menino né do outro casal e os meu. Aí nós ficava no acampamento, depois a gente vinha, trabalhava a semana inteira e ia pra lá final de semana e pôr fim, quando saiu essas terra que o pessoal foi **assentado**, nós fomo **discriminado**, porque dizia que nós ficava mais na cidade do que lá no acampamento. Helen

Nota-se o uso da polaridade negativa ‘não, não’, provocando certa ênfase ao afirmar que não coletava material no assentamento, como se fosse uma proibição. Os processos materiais abstratos na voz passiva se destacam no texto da catadora - ‘despejado, assentado e discriminado’-, evidenciando algumas ações que sofreram quando estavam em assentamento do Movimento dos Sem Terra em busca de um lote e de melhores condições de vida. Há omissão dos atores sociais que executaram tais ações. Segundo Van Leeuwen (1997, p. 186), “as representações podem redistribuir papéis e organizar as relações sociais entre os participantes”. Isso pode ocorrer por ativação quando os atores sociais são representados como forças ativas e dinâmicas numa atividade, e por passivação, quando são representados como “submetendo-se” à atividade. Geralmente, o ator social passivado pode ser sujeito ou beneficiado; neste caso, ele foi afetado.

Mas nessa época, catar material já trazia uma renda que dava pra complementar a renda familiar ou não? Como que era?

Era só essa renda mesmo porque... na época era só essa renda mesmo. É::: a gente começou a catar lá no lixão né, aí, daí uns tempo a gente começou assim a comprar e prensar aqui na rua, a comprar do pessoal que trabalhava no lixão e prensar aqui na rua. Aí que surgiu a questão que foi agora a administração do prefeito (...) né, na outra passada, na primeira né, que agora já vai o segundo mandato. Helen

Questionada sobre a renda da família, a catadora afirma possuir apenas a da coleta de material reciclável. Ela usa processos materiais ‘catar, comprar, prensar’ para discorrer um pouco sobre o percurso do trabalho que iniciou no lixão, como catadora. Em seguida, afirma que começou a comprar material reciclável dos próprios colegas de profissão que ali trabalhavam, com certeza, por um preço mais baixo e ganhava com a revenda, o que nos leva a inferir que, no contexto de trabalho de catador, também ocorre a exploração de um catador pelo outro.

Na amostra seguinte, a catadora expõe um dos grandes problemas que afeta a classe de trabalhadores autônomos do Brasil: a falta de recursos para vender seus produtos. Essa falta de recursos gera milhões de reais para os atravessadores no trabalho de reciclagem no Brasil, a partir da exploração do trabalho suado e árduo do catador. As políticas públicas (Decreto 7.404/2010 e Decreto 7.405/2010) que apregoam a inclusão dos catadores não passam de discursos registrados em papéis, pois o imposto cobrado dos catadores para a venda de materiais recicláveis é o mesmo dos outros setores do comércio. Seria necessário um fluxo de caixa para que as cooperativas pudessem comprar e vender seus próprios materiais diretamente para as indústrias, com isso, lucrariam mais e poderiam proporcionar melhor remuneração para seus cooperados.

A senhora, quem compra o material da senhora, como que hoje é visto o comércio de material reciclável aqui ? O que a senhora coleta, o que a senhora pega?

Não, o que eu coleta aqui, o que a gente coleta aqui da cooperativa, a gente pensa né e aí a gente, tem uma parte que a gente manda pra Cuiabá, muitas vezes a gente vende a mercadoria mais pro atravessador, porque se você for mandar pra São Paulo, por exemplo, você **tem que desembolsar**, porque tem imposto pra pagar e tem o frete né. O frete é caro, você vai pagar cem reais por tonelada, de cem a cento e vinte, dependendo do material ou da distância. Aí você ainda **tem que desembolsar** 12% de imposto, sí você **tem que tirar** do bolso pra poder mandar esse material. Então às vezes compensava mais você vender pro atravessador aqui do que você tirar pra fora. Ana

A catadora usa processos materiais para narrar as ações diárias dela na cooperativa ‘coleta, prensa, manda, vende, pagar, tirar’ atreladas às obrigações financeiras ‘tem que desembolsar’ quando desejam vender os materiais recicláveis por um preço melhor para Cuiabá ou para São Paulo. A falta de dinheiro para pagamento de frete e de impostos faz com que a cooperativa esteja sempre nas mãos dos atravessadores. O trabalho de catador é um trabalho para sobrevivência diária e precisa de emancipação.

Fairclough (2003) discute a importância de emancipação balizada pelos estudos da ADC. Papa (2005; 2008a) e Barros (2009, 2010) também destacam essa importância apresentando três níveis de reflexão crítica os quais são de fundamental importância para a compreensão dos fenômenos sociais, incluindo seus poderes e causas. São eles: *estrutura interna; relações microssociais e relações macrosociais*. Segundo a autora essas três níveis operam simultaneamente nas relações sociais de qualquer natureza. Compreender como essas

redes são entrelaçadas é o grande desafio para pesquisadores que desejam enveredar pela busca de emancipação e transformação social.

A maior parte dos catadores coleta material e precisa do dinheiro para a compra de alimentos do dia a dia. Quando a cooperativa não tem dinheiro em caixa para pagar o material, eles vendem para o atravessador, contribuindo para a expansão de sua exploração.

Quando que você assumiu a cooperativa, que trabalho vem sendo desenvolvido, quando você assumiu a cooperativa pra cá, quais são os problemas que você têm enfrentado?

**Problema** tem todo dia, né, assim, nós trabalhava aqui na rua, era menos **problema**. **O problema mais grave nosso aqui é o pessoal** assim, na época que trabalhava no lixão, então a gente vendia uma carga, você tinha muita coisa pra pagar né, e aí o pessoal do lixão vendia, hoje, por exemplo, se eles trouxessem material hoje, hoje eles queriam receber. Muitas vezes as pessoas mandava material aqui, antes de mandar o material aqui já queria receber: Ó tem tantos quilos, eu queria receber. Então isso pra nós era um **problema** muito grave. Às vezes você tinha outras coisas pra pagar, às vezes tinha que mandar pra eles porque: Ah não vou vender pra cooperativa não porque cooperativa tá enrolando. Helen

A catadora usa o vocábulo ‘problema’ várias vezes para intensificar a realidade da cooperativa que ela administra. Ela traz em seu discurso uma oração com o processo relacional identificativo ‘O problema mais grave nosso aqui é o pessoal’, cujo identificado é ‘problema’ e identificador é ‘pessoal’. Isso nos leva a perceber que os catadores não tem a cooperativa como uma empresa em que eles são donos, mas como uma empresa que tem a obrigação de comprar e vender os produtos deles, não importando se tem dinheiro em caixa ou não. Parece que a união dos catadores em forma de cooperativa provocou a desunião do grupo, pois, antes, quando trabalhavam na rua e no lixão, conforme a catadora, eles esperavam juntar material reciclável para completar uma carga, ou seja, uma carreta, para vender e, agora, não, querem receber no mesmo dia em que entregam o material para a cooperativa.

A situação do depósito de lixo é inadequada para moradia, mas mesmo assim, alguns catadores moram no depósito durante a semana, mesmo sabendo que as condições básicas de higiene são precárias e podem até contrair alguma doença devido aos gases gerados pelos resíduos sólidos, ali depositados. A única preocupação dos catadores é manter o lixão como local de trabalho.

A senhora mora aqui? E o cheiro? Como toma banho? Cozinha?

Sim, durante a semana eu fico aqui com meu marido:: é...**não** é fácil, mas a gente acostuma. A gente **não** vai e volta todo dia porque é longe, gasta muito, ficando aqui, a gente coleta quando o sol tá frio. A gente traz água da cidade, olhe ali os galões...a gente se lava e dorme [...]. É... **não** é perigoso, olha, eu **nem** uso luva, é ruim...atrapalha no trabalho. O cheiro, eu **nem** sinto mais, a gente acostuma...no início a gente **não** comia, mas depois se acostuma. Nós dormíamos lá, tinha muito mosquito, mas a gente **nunca** pegou nem dengue. A gente **nunca** se cortou, **nunca** pegou doença. Lá tem de tudo, até lixo de hospital, mas a gente trabalha, o que importa é a gente trabalhar. Ana

A fala da catadora está marcada por orações no pólo negativo ‘não, nem e nunca’ como recurso linguístico para convencer a pesquisadora de que ficar no lixão não é ruim ou perigoso para a saúde apesar de ter até lixo de hospital. Ela diz não ser fácil, mas acostuma, da mesma forma que acostuma com o cheiro e com a hora de fazer as refeições. Quando diz ‘não é perigoso’, mostra as mãos para a pesquisadora dizendo ‘eu nem uso luva’, inclusive é um objeto que atrapalha no trabalho. Para finalizar, ela fala das doenças e dos machucados ‘nunca’ adquiridos no lixão e diz ser o trabalho o mais importante para ela.

A situação dos catadores, participantes desta pesquisa, está marcada pela sobrevivência manchada pelo desprezo dos gestores públicos, responsáveis pela fiscalização e incineração do lixo hospitalar, humilhação e precarização da sociedade em geral. Sobre a precarização das condições de trabalho, Mattoso (1999, p. 8), afirma que

Esta precarização pode ser identificada pelo aumento do trabalho por tempo determinado, sem renda fixa, em tempo parcial, enfim, pelo que se costuma chamar de bico. Em geral, a precarização é identificada como a ausência de contribuição à Previdência Social e, portanto, sem direito a aposentadoria. O processo de deterioração das relações de trabalho amplia a desregulamentação dos contratos temporários, de falsas cooperativas de trabalho, de contratos por empresa ou mesmo unilaterais.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste artigo procurei focar algumas amostras de duas entrevistas realizadas com duas catadoras de materiais recicláveis com o propósito de discutir as condições de trabalho e de moradia desses atores sociais. Algumas considerações merecem ser registradas. Apesar de o governo federal apresentar um discurso de inclusão da classe de catadores de materiais recicláveis através dos decretos 7.404/2010 e 7.405/2010<sup>2</sup>, essa inclusão ocorre de forma

---

2 O Decreto 7.404/2010 regulamenta a Lei de Resíduos Sólidos do país. Várias partes do documento

perversa, pois esses trabalhadores são incluídos por ter um serviço, mas excluídos pelas condições de trabalho precário que realizam em condições inadequadas, com alto grau de periculosidade e insalubridade, sem reconhecimento social, com riscos muitas vezes irreversíveis à saúde, com a ausência total de garantias trabalhistas. São invisíveis aos olhos da sociedade como trabalhadores, mas marcados por preconceito social, pois carregam o estigma de sujos, bêbados, preguiçosos, e muitas vezes, vagabundos.

Silva (2008), ao discutir a questão da pobreza nas ruas, ressalta a importância de pesquisas voltadas para a desnaturalização de práticas sociais geradores de opressão, comungando o objetivo da ADC de emancipação, que se volta para problemas enfrentados pelos “perdedores” em determinadas formas de vida social – os pobres, os excluídos sociais, as pessoas sujeitas a relações opressivas devido ao seu gênero ou sua raça (Fairclough, 2003). Nesse estudo, pode-se considerar ‘perdedores’ os que trabalham com o lixo no Brasil.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Solange Maria de. Formação crítica do educador de línguas por uma política emancipatória e de transformação social. In: ASSIS-PETERSON, Ana Antônia & BARROS, Solange Maria de (orgs).(2010). *Formação crítica de professores de línguas: desejos e possibilidades*. São Carlos: Pedro & João editores.

BARROS, Solange Maria de. Realismo crítico e análise de discurso crítica: reflexões interdisciplinares para a formação do educador de línguas em processo de emancipação e transformação social. IN: *Polifonia*. (2009). Periódico do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem – Mestrado [do] Instituto de Linguagem, UFMT – ano 17. Nº 17. Cuiabá: editora Universitária, V. I.

BORGES, Iara Farias. *Brasil ainda tem 20 milhões em pobreza extrema, lembra assessor da Presidência*. Disponível em <http://www.senado.gov.br/noticias/brasil-ainda-tem-20-milhoes-em-pobreza-extrema-lembra-assessor-da-presidencia.aspx>. acessado dia 04 de agosto de 2011.

---

mencionam a participação dos catadores na gestão desses resíduos em parcerias com as prefeituras. O Decreto 7.405/2010 é o Decreto Pró-Catador, em que o Governo Federal procura inserir os catadores na gestão de resíduos sólidos.

BRASIL TEM 16,2 MILHÕES DE PESSOAS NA POBREZA EXTREMA, APONTA IBGE. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/bbc/2011/05/03/brasil-tem-162-milhoes-de-pessoas-na-pobreza-extrema-aponta-ibge.jhtm>. Acessado dia 04 de agosto de 2011.

*CARTILHA DE FORMAÇÃO do MNCR*, 2005. Disponível em [http://www.mncr.org.br/box\\_2/formacao-e-conjuntura/catadores%20cartilha%20web.pdf](http://www.mncr.org.br/box_2/formacao-e-conjuntura/catadores%20cartilha%20web.pdf). Acessado em 10 de abril de 2010.

EGGINS, Suzanne.(2004) *An introduction to systemic functional linguistics*. 2ª Edition, London: Pinter publishers.

FAIRCLOUGH, Norman. (2003). *Analysing discourse: textual analysis for social research*. 4th. Edition, London: Routledge.

HALLIDAY, Michael A. K. & MATTHIESSEN, Christian M. M. (2004) . *An introduction to functional grammar*. 2ª Edition. Londres: Edward Arnold.

HALLIDAY, Michael A. K., (1994) . *Introduction to functional grammar*. 2ª Edition. Londres: Edward Arnold.

HALLIDAY, Michael A. K. e HASAN, Ruqaiya.(1989). *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*.Chapter 1 – Context of situation e Chapter 2 – Functions of language.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Versão 2.0a. Abril de 2007. Editora Objetiva Ltda.

MATTOSO, J. (1999). *O Brasil desempregado: Como foram destruídos mais de 3 milhões de empregos nos anos 90*. São Paulo:ABRAMO.

PAPA, Solange Maria de B. I. (2008 a). *Prática pedagógica emancipatória: o professor reflexivo em processo de mudança. Um exercício em análise crítica do discurso*. São Carlos : Pedro & João editores.

PAPA, Solange Maria de B. I.(2005). *O professor reflexivo em processo de mudança na sala de aula de língua estrangeira: caminhos para a (auto) emancipação e transformação social*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem, LAEL - PUC/SP.

PARDO, A. Neyla G.(2008).¿ Que nos dicen? ¿Que vamos? ¿Que és...pobreza? Analisis crítico de los médios. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciências Humanas, Departamento de Linguística. Instituto de Estudio em Comunicación y Cultura IECO.

PASSARINHO, Nathalia. *Brasil tem 16,27 milhões de pessoas em extrema pobreza*, diz gov. Disponível em <http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/05/brasil-tem-1627-milhoes-de-pessoas-em-situacao-de-extrema-pobreza.html>. Acesado dia 04 de agosto de 2011.

SILVA, Denize Elena G., Representações discursivas da pobreza e discriminação na mídia. In: SILVA, Denize Elena G.da, LEAL, Maria Chritina D. & PACHECO, Marta C. de N (orgs).(2009). *Discurso em questão: representação. Gênero, identidade, discriminação*. Goiânia: Cãnone editorial.

SILVA, Denize Elena G. da,(2008) . A pobreza no contexto brasileiro: da exclusão econômica social à ruptura familiar. *Discurso & Sociedade*.

THOMPSON, Geoff. (2004). *Introducing to Functional Grammar*. 3<sup>rd</sup> edition, Great Britain: Oxford University Press.

VAN LEEUWEN, Theo.(1997). A representação dos actores sociais In: PEDRO, Emília R.(org). *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Caminho.